

SPARKES, Brian, A. *The Red and the Black. Studies in Greek Pottery*. London, New York, Routledge, 1996: 1-2.

Capítulo 1

‘AQUELA GRANDE MALDIÇÃO DA ARQUEOLOGIA’

INTRODUÇÃO

O título deste primeiro capítulo é tirado de um artigo de Moses Finley intitulado ‘Inovação técnica e progresso econômico no mundo antigo’ (1965: 41; 1983: 190). A sentença completa é: “Somos frequentemente vítimas daquela grande maldição da arqueologia, a indestrutibilidade dos vasos”. Mais recentemente, a cerâmica recebeu o título de “‘buraco negro’ arqueológico” (Orton, Tyers e Vince 1993: 3). Os vasos podem estilhaçar-se, mas os cacos permanecem, sobreviventes acidentais do todo. Isto é certamente verdade no caso da cerâmica grega – tabelas de escavações e prateleiras de museus atestam sua veracidade.

Os estudiosos do mundo antigo foram rápidos em perceber as vantagens que a sobrevivência da cerâmica grega trouxe. Sua simples presença marca sítios, auxilia a distinguir usos variados em áreas diversas, indica a extensão do contato grego dentro e além do Mediterrâneo, é de assistência na datação de materiais de sobrevivência mais rara. Em si, provê informação sobre as técnicas de manufatura, e as diferentes formas em que eram apresentadas, possibilita a revelação de suas funções. Onde os vasos contêm decoração, particularmente figuras pintadas e cenas figurativas, as imagens podem ser estudadas pelo que revelam dos aspectos da vida quotidiana, e das variedades de mito que podem ser comparadas com aquelas que sobrevivem nos textos. As imagens podem também sugerir reflexões mais aprofundadas do que a mera aparência superficial. Na ausência da pintura mais importante, a de painéis, a própria pintura da cerâmica tem sido vista como uma ajuda na apreciação de seu desenvolvimento.

Então, por que uma ‘grande maldição’, por que um ‘buraco negro’? Quanto à maldição, há vários aspectos. Primeiramente, os vasos, pela sua simples sobrevivência, recebem um perfil mais alto, e maior importância, do que tinham na antiguidade, quando mal eram mencionados. Recentemente chamou-se a atenção para o fetichismo que objetos, neste caso belos vasos gregos, criam (Spivey 1991: 134), e por isso foram elevados além do seu status. Em segundo lugar, sua quantidade levou à necessidade de classificá-los, sistematizá-

los, domá-los, por assim dizer. O perigo é que, uma vez etiquetados, agrupados, datados, colocados em seus escaninhos, inseridos em bancos de dados de computadores, o trabalho pode ser considerado feito, quando a tarefa apenas começou. Em terceiro lugar, isto muitas vezes levou a cerâmica a ser considerada como um assunto próprio, desligado dos contextos de produção ou função, divorciado do ambiente político, social e econômico dentro do qual os vasos foram produzidos. Em quarto lugar, a cerâmica é tratada como um critério pelo qual os outros objetos são medidos. A cerâmica grega pintada teve, em adição, o problema de que sua própria beleza – as formas, a decoração original, o tema de suas cenas figurativas – desequilibrou seu estudo; e mesmo dentro deste quadro, algumas cerâmicas, seja por sua própria beleza, sua susceptibilidade à abordagem dos ‘connaisseurs’, seja pela utilidade de suas imagens *vis-à-vis* a evidência textual da antiguidade clássica, foram mais intensamente estudadas do que outras. Um largo hiato surgiu. A ênfase foi colocada no aspecto histórico-artístico; os vasos atraíram a abordagem dos mercados de arte (bem como o próprio mercado de arte), mesmo se os vasos gregos não fossem considerados, na época de sua manufatura, como obras de arte, objetos para serem admirados em si. Os temas das pinturas permitem, de fato, vislumbrar, de modo útil, o desenvolvimento da técnica de desenhar figuras e das imagens populares da experiência grega, seja de mito, vida quotidiana ou imaginação. Esta ênfase lhes deu uma orientação museológica, arrancada de seus contextos e colocada entre seus similares; o desenvolvimento histórico do estudo ajudou a consertar as linhas de abordagem (ver Capítulo II)... A qualidade da cerâmica tendeu também a direcionar a atenção dos especialistas ao aspecto da produção, em detrimento da atenção ao papel do consumidor.

Tudo isto deu aos vasos um apelo junto aos estudiosos de literatura clássica, mitologia e história que procuram consubstanciar visualmente seus próprios estudos. Este apelo não parece estar em perigo de se esvair, mas parâmetros sobre as conclusões a serem derivadas da comparação são, agora, mais estritamente obtidos. Para arqueólogos que não se nutriram em um estudo detalhado do mundo clássico, no estilo clássico da língua e literatura, as perguntas a serem feitas e respondidas são diferentes. Os classicistas examinam principalmente o imediato primeiro plano, com sua ênfase em indivíduos e no desenvolvimento histórico; os arqueólogos têm seu olhar fixo mais firmemente no plano de fundo, que se move lentamente. Mas os termos ‘classicista’ e ‘arqueólogo’ não são suficientemente precisos; dentro dessas categorias ocultam-se os estudiosos da religião grega, os historiadores sociais e econômicos, os arqueometristas, os estatísticos. Dependendo da abordagem, a cerâmica grega será estudada seja em si mesma (técnica, uso, preço, conteúdos etc.), seja por razões externas (contextos, arte, mito, vida). A cerâmica grega não pertence a um único contendor: serve a muitos propósitos nas tentativas feitas para construir uma imagem mais clara do mundo grego.

Referências

FINLEY, M.

1965 ‘Inovação técnica e progresso econômico no mundo antigo’. *Economic History Review*, 18: 29-45.

1983 *Economy and Society in Ancient Greece*. Harmondsworth: Penguin.

ORTON, C.; TYERS, P.; VINCE, A.

1993 *Pottery in Archaeology*. Cambridge: Cambridge University Press.

SPIVEY, N.

- 1991 Greek vases in Etruria. T. Rasmussen; N. Spivey (Eds.) *Looking at Greek Vases*.
Cambridge: Cambridge University Press.